

# 'Os Leões'

peça em 2 actos

Las escasas consistencias del mundo  
Comienzan siempre en los rincones.

Y las cosas olvidadas  
Guardan las únicas señales

(Roberto Juarroz, "Decimotercera Poesía Vertical")

## DREAM TIGERS

Na infância exercei com fervor a adoração do tigre: não a do tigre fulvo dos camalotes do Paraná e da confusão amazônica, mas a do tigre raiado, asiático, real, que só podem enfrentar os homens de guerra sobre um castelo, em cima de um elefante. Costumava demorar-me sem fim ante uma das jaulas do Jardim Zoológico; apreciava as vastas enciclopédias e os livros de História Natural pelo esplendor dos seus tigres. (Recordo-me ainda dessas figuras: eu, que não posso recordar sem erro a fronte ou o sorriso de uma mulher.) Passou a infância, caducaram os tigres e a sua paixão, mas estão ainda nos meus sonhos. Nessa napa submersa ou caótica continuam a prevalecer. Senão veja-se: adormecido, distraí-me um sonho qualquer e logo sei que é um sonho. Costumo então pensar: isto é um sonho, uma pura diversão da minha vontade, e já que tenho um ilimitado poder, vou causar um tigre.

Ó incompetência! Nunca os meus sonhos sabem engendrar a apetecida fera. Aparece o tigre, isso sim, mas dissecado ou débil, ou com impuras variações de forma, ou de tamanho inadmissível, ou muito fugaz, ou parecido com um cão ou um pássaro.

*Jorge Luís Borges - El hacedor, 1960*

## **Sobre o autor**

### **A fascinante busca de Pablo Miguel De La Vega y Mendoza**

A vida de Pablo Miguel De La Vega y Mendoza se confunde com a própria história do século XX e é marcada por uma série de acontecimentos tão curiosos quanto a sua obra.

Em 23 de outubro de 1911, nasce na cidade de Málaga na Espanha, na mesma cidade e na mesma rua de Pablo Picasso. Há quem diga que seu nome seja uma homenagem ao já então célebre filho dos vizinhos dos De La Vega y Mendoza, embora os dois nunca tenham se encontrado em vida.

Desde cedo desenvolveu um dom para a música. Quando tinha apenas 8 anos já tocava violino, rabeca, gaita de boca e alguns instrumentos de percussão como castanholas e bongô. Seus pais chegaram a crer que seu filho seria um novo Mozart, porém foi com a dança flamenca que De La Vega y Mendoza viria a conhecer o mundo. Com apenas 15 anos na época, De La Vega y Mendoza encabeçava o corpo de baile da *Compañía de Las Rosas Rojas de Andalucía*.

Durante uma viagem a São Petesburgo em 1926, ele conheceu Nadénka Gaiévna, uma prostituta russa 13 anos mais velha do que ele, por quem se apaixonou e decidiu se casar. Deixou a *Compañía* no meio da turnê pela Rússia e fugiu com Nadénka. Não se tem registros confiáveis do que ocorreu durante esses dois anos em que esteve desaparecido. Fontes afirmam que Pablo Miguel e Nadénka teriam integrado um circo de variedades que viajava por toda Europa, no qual ele exercia a função de músico e dançarino (tocava banjo enquanto sapateava e Nadénka, então já sua esposa, lhe atirava facas; numa dessas apresentações, uma faca teria acertado e decepado o lóbulo de

sua orelha esquerda - o que explicaria o fato de ter uma orelha mais curta que a outra em fotos de divulgação mais recentes).

Pablo voltou para casa no início de 1929 para enterrar seu pai que sofria de um terrível caso de sonambulismo e entrara, durante a madrugada, na casa de um vizinho que não o reconheceu e o matara. A tragédia o marcara profundamente e no mesmo ano, De La Vega publicou seu primeiro trabalho: "*Mi padre suelto en la noche*", um livro de poesias denso e amargurado que refletia seu estado d'alma, agora já separado de Nadénka. Saberia muitos anos depois que ela estava grávida quando da separação e que teve um menino chamado Andreas, que depois veio a descobrir que não era seu. Fontes comentam que Andreas seria filho do engolidor de espadas do tal circo itinerante do qual participaram. Registrado com seu sobrenome, Andreas De La Vega y Mendoza herdou o dom da música de seu pai postizo e se tornou um respeitado pianista na Bélgica.

Como seu primeiro livro fizera grande sucesso na tradução para o holandês ("*Mijn vader die in de nacht wordt verloren*" - 1931), Pablo Miguel mudou- se para Amsterdã onde escreveu e publicou dois livros de contos "*La calle y la luna*" - 1932 e "*Suélтame, mujer!*" - 1933. Desta vez, os livros não agradaram nem público e nem crítica holandesa. Mas quando saiu a tradução para o inglês dos dois livros, Pablo Miguel teve seu talento reconhecido pela crítica americana e ele resolveu se mudar para os Estados Unidos. No novo continente, ele vislumbrou a possibilidade de começar vida nova e se casou pela segunda vez com uma corista de um show de variedades que assistira mais de 40 vezes. Eleonor Connolly lhe deu duas filhas gêmeas: Georgie e Gretta, curiosamente uma delas era canhota e a outra destra. Inspirado pela experiência de ser pai, ele escreveu uma série de livros infantis chamada "*Sleep Time*" - 1947. Suas histórias com fundo onírico e narrativa sinuosa não foi compreendida nem pela

crítica, nem pelas crianças americanas. A tradução para o italiano, porém fez muito sucesso (*"Tempo di sonno"* -1948) e ele decidiu fazer as malas novamente, decidiu ir para a Itália durante o período da reconstrução no pós- guerra.

Eleonor não quis lhe acompanhar e ele voltou ao velho mundo sozinho. Por conta da separação e da saudade das filhas, ele passou por terríveis crises de insônia e, para amigos íntimos, nunca mais foi o mesmo. Fontes insinuam que Pablo desenvolveu tiques nervosos e manias como a de esconder objetos de seus donos. Perdeu muitos amigos e alguns pertences valiosos.

Passou a beber e a escrever peças de teatro. Sua primeira obra para o palco foi *"El Talón de Aquiles"* - 1950, levada a cena pelo famoso diretor italiano Vicenzo Mangatolla. Divergências entre De La Vega y Mendoza e Mangatolla fizeram com que a peça tivesse algumas falhas como diálogos interrompidos na metade e trechos inteiros que foram cortados sem a autorização do autor e que prejudicaram o entendimento do público. O espetáculo foi um fracasso na Itália; porém o iniciante diretor francês Jean- Luc Bobin realizou uma montagem no interior da França (*"Le talon d'Aquiles"* - 1951), seguindo a risca todas as palavras do texto.

Novamente De La Vega y Mendoza teria seu talento reconhecido. Mudou- se para a França onde conheceu Françoise Gievernè com quem passou a dividir os lençóis. Começou a escrever *"La pieza sin fin"*. Ironicamente nunca veio a terminar este texto e resolveu escrever uma biografia não-autorizada do então desconhecido poeta sueco Swen Luddocka. *"Luddocka: une vie sans frontières"* estreou em Saint Denis em 1952, mas o público não entendeu qual o interesse de De La Vega y Mendoza em falar de um poeta albino que publicou apenas um livro, cujas as impressões foram destruídas num incêndio antes de irem para as livrarias, incluindo as matrizes. Arrasado pelo infortúnio, o poeta se suicidara logo depois. De La Vega y Mendoza alegou que

como nunca ninguém pôde ler o que escrevera Luddocka, poderia- se imaginar que a poesia mundial tinha nele um de seus maiores nomes, dado a paixão que tinha pela sua obra e que então nos cabia imaginar a poesia de Luddocka, seríamos todos co-autores, um convite à criação, um legado de inspiração em branco. Branco como Luddocka. O público francês dizia se tratar de uma fraude um poeta do qual nunca se leu um poema. Mas o mistério e a criatividade da peça foi compreendida e transformada em filme em 1954 pelo cineasta espanhol Fernando Naranjas. "*Una vida sin fronteras*" foi um grande sucesso em toda Europa - menos na França - e De La Vega y Mendoza voltou a desfrutar de prestígio em sua terra natal, para a qual voltou no mesmo ano sem Françoise, que o deixara pelo seu vício em morfina. Teve em 1955 seu ano mais produtivo, escreveu o livro de contos "*Mentiras*" e as peças "*Las Abejas*", "*El abajour morado*", "*Señorita Ana y los gatos*" e "*Los leones*". Nenhuma delas alcançou um grande sucesso na Espanha e seu trabalho caíra no esquecimento por muitos anos.

Em 23 de outubro de 1955, morre com apenas 44 anos no dia de seu aniversário, durante uma visita de suas filhas à Málaga. Sua morte foi sentida profundamente pela dançarina flamenca Maria Lucia Álfabar, sua companheira na época.

Fontes revelam que seu último desejo era terminar "*La pieza sin fin*", mas não pôde concretizá- lo. Sempre se mudando para os lugares onde fazia sucesso, sua admirável busca por reconhecimento o fez conhecer o mundo e o mundo a conhecê- lo.

Sua obra heterogênea foi traduzida para o português por Manuel Cunha Lopes e Annamaria Cristina Brito e publicada no Rio de Janeiro apenas em 1978.

(texto de José Bartolo da Costa Neto publicado na revista "Ilusões" em 1982- São Paulo, SP.)

## **- 1º ACTO -**

### **Cena 1**

Dois homens vivem num apartamento pequeno numa cidade pouco agitada. São amigos. Um deles está passando café, o outro termina de ajeitar a gravata e lhe fala:

- Fiz algum barulho durante a noite?
- Não que eu tenha escutado.
- Tive muitos sonhos.
- E com quê você sonhou?
- Não me lembro muito bem.
- Tente.
- Eu sonhei que eu acordava no meu quarto, me vestia, vinha até a cozinha e encontrava você passando café.
- Como agora?
- Como agora.
- E o que mais?
- Aí eu te perguntava algo, você me respondia e eu te contava sobre um sonho que havia tido.
- E que sonho era este dentro do seu sonho?
- Era um sonho em que acontecia a mesma coisa que estava acontecendo naquele momento e aí você dizia:  
(os dois falam ao mesmo tempo)
- E a que conclusão isto te leva?
- E eu respondia: que eu estou sonhando. E aí você me perguntava:  
(os dois falam ao mesmo tempo)
- E por que você acha isso?
- E eu respondia: porque nenhum de nós toma café.

### **Cena 2**

Dois amigos moram num apartamento pequeno da mesma cidade pouco agitada. Toca o telefone, ninguém atende. O telefone toca insistentemente. Os dois aparecem para atender o telefone ao mesmo tempo. Um deles diz:

- Não atenda.
  - Mas por quê não?
  - Pode ser alguma notícia ruim.
  - Como é que você sabe?
  - Não sei.
  - Você está esperando alguma notícia ruim?
  - Não.
  - Então?
  - Então é que notícia ruim não tem hora, vem sempre de surpresa.
  - Mesmo assim você não quer saber qual é a notícia?
  - Não sei, o que é melhor: não saber ou saber?
  - Saber, é claro - não saber significa estar alheio à realidade.
  - E o que que tem de mal nisso?
  - Como o que é que tem de mal?
  - Você acha que saber de tudo é bom? Não existem coisas que você prefere não saber?
  - O que é que você quer dizer com isso?
  - Nada específico, mas eu não gostaria de saber o dia da minha morte ou se eu tomei as decisões certas na vida ou o que você faz quando eu não estou em casa...
  - Eu não faço nada de mais quando você não está em casa.
  - Não me diga! Eu prefiro não saber!
  - E se for uma notícia boa?
  - Há essa chance.
  - E se não for uma notícia?
  - Como uma pesquisa, um convite, um recado.
  - Pode ser até engano.
  - Você tem razão.
  - Então?
  - Atenda você o telefone, se for para mim e se for uma notícia ruim não me conte.
  - De acordo.
  - Atenda logo!
- (o outro atende)
- Alô? Sim. Não, ele não pode atender agora mas eu posso lhe passar o recado. Sim. Compreendo. Obrigado, até logo.
  - E então?
  - Era uma notícia ruim.

### Cena 3

Dois amigos vivem numa cidade pouco agitada e dividem um pequeno apartamento. Um deles está sentado na sala lendo o

jornal. O outro está passeando pela casa escovando os dentes. Diz ao outro:

- Você acredita em tudo que escrevem?
- Não, não em tudo.
- Então no quê?
- Algumas informações parecem ser verdadeiras, outras improváveis.
- E como é que você separa umas das outras?
- Através do bom senso.
- Como assim, bom senso? Você não acredita que certas coisas fora do comum possam acontecer?
- Não todos os dias como os jornais querem nos fazer acreditar.
- Eu acredito que todos os dias coisas incríveis acontecem.
- Então você acredita em tudo que lhe contam?
- Quase sempre.
- Isso é porque você não possui bom senso.
- Claro, claro. Bom senso é ler um jornal em que não se acredita.

#### Cena 4

Dois amigos estão escutando música, eles moram juntos num apartamento pequeno localizado numa cidade pouco agitada. Um deles olha para o outro e diz:

- Hoje de manhã, encontrei a senhora Omtag. Ela me pareceu muito confusa. Seu marido, o senhor Omtag, o dono da fábrica de chapéus não estava com ela, nem tampouco aparece na farmácia há dias.
- Vai ver ele não tem estado doente nos últimos dias.
- Está brincando? Aquele homem é muito doente. Um dos melhores clientes da farmácia.
- É melhor não se meter na vida dos outros.
- Será?
- Com certeza.
- Mas se ninguém se metesse na vida dos outros, nunca aconteceria nada. As pessoas não se conheceriam, não se apaixonariam, não teriam filhos, não constituiriam sociedades em empresas fabricantes de chapéus como o senhor Omtag e o barão Varnevutz, não saberiam nada umas das outras, viveríamos todos

dentro de nossas casas e escritórios sem nunca olhar para a cara dos outros, andaríamos pelas ruas em silêncio sem comentarmos o tempo e sem cumprimentarmos os vizinhos.

- Não foi nesse sentido que eu quis dizer. Eu quis dizer que não devemos interferir na vida privada das pessoas sem que nos seja solicitado.

- E alguém já lhe solicitou para interferir na sua vida?

- Já.

- E quem foi?

- Você.

- Eu?

- Sim, você.

- Mas eu não conto.

- E por que não?

- Porque eu não sou qualquer pessoa, eu sou seu amigo.

- É agora, mas nem sempre foi assim.

- Como assim?

- Havia um tempo em que não éramos amigos, então você, de um certo modo, pediu para que eu interferisse na sua vida e nós nos tornamos amigos. Um caminho calmo e civilizado para que dois estranhos se tornassem amigos e agora estejam conversando.

- Na verdade, dá na mesma.

- Como assim?

- Quando eu pedi que você interferisse na minha vida, eu interferi na sua, sem que você me pedisse.

- Isso não é um argumento. Isso é uma teimosia sua.

- Estou preocupado com o senhor Omtag.

- Você acha que ele morreu?

- Não sei. Nem nunca saberei.

- Como não?

- Como vou descobrir o que aconteceu com ele?

- Perguntando sobre sua saúde à senhora Omtag.

- Oh, não! Isso seria interferir demais na vida dos outros.

- Tem razão, fique sem saber.

- Você acha?

- Tenho certeza.

## Cena 5

Dois amigos estão na mesma sala da cena anterior, ocupando as mesmas posições da cena anterior. Só que agora um dos dois está lendo um livro.

- Não sei se eu consigo.
- O quê?
- Não saber o que aconteceu ao senhor Omtag.
- E por que não?
- Como é que você pode ficar tão calmo quando uma pessoa que fez parte da sua vida durante anos simplesmente desaparece de repente?
- Eu não conheço o senhor Omtag tão bem para me preocupar tanto assim.
- Eu não quis dizer que conheço o senhor Omtag tão bem assim. Apenas disse que durante anos ele freqüentou a farmácia e esteve sempre acompanhado da senhora Omtag. E hoje de manhã, havia a senhora Omtag, só não havia o senhor Omtag.
- E se ele morreu?
- Será?
- Todos morremos. Por que não o senhor Omtag? Você mesmo disse que ele era um homem doente.
- Sim, mas não quis dizer neste sentido. Doenças podemos ter muitas, mas morte...
- A senhora Omtag parecia triste?
- Na verdade, não.
- Então ele está bem.
- O que lhe dá tanta certeza?
- Você disse que por anos eles freqüentaram a farmácia, sempre acompanhados um do outro. Se hoje de manhã você viu a senhora Omtag desacompanhada e ela não estava triste, é por que o senhor Omtag não morreu.
- Talvez ela tenha uma maneira diferente de sentir tristeza.
- Talvez ela tenha matado o senhor Omtag.
- Você acha?
- Não, não a senhora Omtag.
- E por que não?
- Eu não sei, eu não conheço a senhora Omtag tão bem, o que você acha?
- Eu não sei...
- Que motivos ela teria para matar o senhor Omtag?
- Os de sempre.
- Como assim?
- Dinheiro, traição, etc.
- Dinheiro?
- Sim, o senhor Omtag tinha a fábrica de chapéus.
- Mas é em sociedade com o barão de Varnevutz.

- Você acha que o barão Varnevutz pode ter alguma coisa a ver com o assassinato do senhor Omtag?
- Eu não sei. Como uma sociedade com a senhora Omtag?
- Mas para quê ele precisaria de um novo sócio?
- A menos que os dois tivessem um caso.
- Claro!
- A senhora Omtag pode ter seus sessenta e poucos anos mas ainda é uma mulher atraente.
- Você disse que não a conhecia tão bem.
- Eu não a conheço.
- Mas o barão a conhece.
- Sim, o barão!
- Quem diria? O barão Varnevutz e senhora Omtag.
- Pobre senhor Omtag.
- E o que você acha que devemos fazer?
- Nada.
- Como nada?
- Nada. Não devemos nos meter na vida dos outros.
- Ah, é.

### Cena 6

Dois amigos vivem num pequeno apartamento em uma cidade pouco agitada. Neste momento, eles estão tomando chá.

- Você vai à festa amanhã à noite?
- Não sei, você vai?
- Quero ir.
- Talvez eu vá.
- E você vai como?
- Vou a pé.
- Não foi isso que eu quis dizer. Eu me refiro a que fantasia você vai usar?
- Que festa é essa mesmo?
- A festa de aniversário da senhorita Magdalena.
- E é a fantasia?
- Sim.
- Que interessante.
- Então?
- Então o quê?
- Com que fantasia você vai?

- E você com que fantasia vai?
- Acho que irei de escritor.
- Qual escritor?
- Nenhum. Um escritor apenas.
- Por que escritor?
- Pensei em ir de intelectual, mas desisti.
- Boa idéia.
- Depois pensei em ir de curador de museu, mas não era o que eu queria ainda. Pensei em ir de historiador, de professor universitário, de jornalista, de dono de sebo. Mas nada me agradava.
- E como chegou em escritor?
- Passei primeiro por detetive particular antes de me decidir.
- Detetive particular é uma fantasia mais fácil, é só usar uma daquelas misteriosas capas de chuvas e um chapéu.
- Não!
- Como não?
- Se todos os detetives particulares se parecessem com detetives particulares já não poderiam seguir ninguém, seriam facilmente identificados. Os detetives particulares precisam ser discretos.
- Ah!
- E então desisti desta idéia também e pensei em dar um ar lírico a minha fantasia. Pensei em bibliotecário, em tradutor, em poeta e cheguei na idéia de escritor.
- Bela idéia.
- Obrigado.
- E você carregará uma pena ou uma caneta?
- Ele não é esse tipo de escritor. Ele escreve à máquina.
- E como você vai fazer para carregar uma máquina?
- Você já viu algum escritor andando por aí carregando sua máquina?
- Tem razão.
- E então?
- E então o quê?
- Já decidiu como você vai?
- Preciso pensar um pouco mais.

## Cena 7

Dois amigos vivem num apartamento pequeno numa cidade pouco agitada. Eles caminham pelo apartamento.

- Já encontrou?
- Ainda não.
- Onde será que eu deixei?
- O que é mesmo que nós estamos procurando?
- O livro que eu escrevi.
- Quando foi que você escreveu este livro?
- No seu aniversário eu tive a idéia.
- E do que fala o livro?
- É sobre um pescador que vive sozinho e então é engolido por uma baleia e dentro da baleia encontra outras pessoas, faz muitos amigos, encontra uma mulher, se casa e encontra a paz de espírito que ele sempre quis.
- Dentro da baleia?
- Exatamente. Percebe? Quando ele estava livre, fora da baleia, ele não tinha amigos e depois que fica confinado dentro desta baleia é quando ele começa a fazer amigos, conhecer pessoas.
- Não sei se entendi.
- É muito simples. Quando ele tinha toda a liberdade do mundo, ele era sozinho, ele não tinha limites, ele só tinha o mar e o mar é infinito para quem tem o nosso tamanho e o nosso fôlego, então ele não precisava enfrentar a vida, o mar era a sua fuga.
- Compreendo. É uma boa história.
- Obrigado.
- E o que eles comiam dentro da baleia?
- Não lembro, faz muito tempo que eu escrevi o livro.
- Seria bom se o encontrássemos logo para descobrir. E você lembra como era o nome da mulher com quem ele casava?
- Lembro. Magdalena.
- Como a senhorita Magdalena?
- (tempo) É.
- Você disse que escreveu no meu aniversário?
- Não. Disse que tinha tido a idéia.
- E quando foi que você o escreveu?
- Alguns dias depois.
- Onde?
- Aqui em casa.
- À mão ou à máquina?
- À máquina.
- (tempo) Nós não temos uma máquina.
- Não?
- Você tem certeza que escreveu este livro?

- Você acha que eu não escrevi?
  - Você lembra de ter escrito o livro?
  - Mais ou menos.
  - Em que cômodo você escreveu?
  - Aqui mesmo. Sentado de frente para a janela. Aí eu vi o mar e tive a idéia da baleia.
  - Não dá para ver o mar da janela.
  - Como não?
  - Olhe pela janela.
  - (olha) Tem razão. Deve ter sido outra janela.
  - Também não.
  - Como é que você sabe?
  - (tempo) Nesta cidade, não tem mar.
  - Mas eu vi o mar.
  - Viu mesmo?
  - No dia em que eu escrevi o livro.
  - E onde está o livro?
  - Eu não sei. Não encontro.
  - Então são duas coisas que você perdeu: o livro e o mar.
  - O que você acha que isso quer dizer?
  - Que você sonhou que escreveu o livro.
  - Será que eu sonhei?
  - É a única explicação.
  - Será que eu não estou sonhando neste momento?
  - E porque você estaria sonhando neste momento?
  - Porque na cidade onde eu moro tem mar.
- \

## Cena 08

Dois amigos vivem num apartamento pequeno numa cidade pouco agitada. Eles estão sentados em suas poltronas fumando cachimbos. Ouvi-se um barulho. É uma batida de carro. Um deles se levanta e vai até a janela o outro fica na expectativa.

- Uma batida leve. Nada grave. Pelo jeito alguém perdeu o controle da direção e avançou no poste.
- Quem será que estava dirigindo?
- Não sei, está saindo do carro.

- Quem é?
- Não dá para ver, ele está de chapéu. (diz para o dono do carro) Ei, senhor! Precisa de alguma ajuda? (ele ouve)
- (tempo) E então?
- Calma. (continua ouvindo)
- (tempo) E então?
- Ele disse que como vinha da praia tinha a visão um pouco ofuscada e quase atropelou um gato que o fez desviar a direção e encontrar- se com o poste.
- Não precisa de ajuda?
- Disse que não. Que a batida foi de leve e que o carro está funcionando.
- Menos mal.
- Certamente.
- Era algum conhecido?
- Sim.
- Quem?
- O dono da fábrica de chapéus. O senhor Omtag.

## Cena 09

Dois amigos vivem num pequeno apartamento numa cidade pouco agitada. Um deles fala ao telefone.

- Alô? Boa tarde, quase boa noite. Eu gostaria de marcar um horário com o Doutor Guessman. É possível que seja amanhã? Ah, sei. Compreendo. Então marcamos às seis. Perfeito. Obrigado. Até logo.
- (entrando) Você vai ao médico?
- Não.
- Não ouvi você marcando um horário com o Doutor Guessman?
- Doutor Guessman não é médico. Ele apenas dá conselhos.
- Ah, um psicólogo.
- Não, também não. Doutor Guessman apenas dá conselhos, ele não ouve ninguém, você só vai até ele e ele o aconselha.
- Aconselha sobre o quê?
- Sobre qualquer coisa.
- Sobre amor?
- Pode ser, na verdade você não pode escolher sobre o que será aconselhado.

- Mas isso é absurdo, você vai até lá, ele olha para sua cara e lhe dá um conselho aleatório?
- Doutor Guessman é cego.
- E daí?
- Você disse que ele olha para sua cara e...
- Mesmo assim, se ele não ouve o que as pessoas querem saber como pode dar conselhos a elas.
- Acontece que os conselhos do Doutor Guessman são muito bons. Certa vez ele me disse que eu deveria parar de comer uvas verdes.
- Mas você não costuma comer uvas verdes.
- Eu não posso, eu sou alérgico a uvas verdes.
- Mas então foi inútil, ele lhe aconselhou a parar de fazer uma coisa que você já não fazia.
- Sim, mas já pensou se eu não soubesse que sou alérgico e passasse a comer uvas verdes?
- Mas você sabe.
- Mas e se não soubesse?
- Você sabe! Ele lhe deu um conselho sobre algo que você já sabia.
- O Doutor Guessman é um conselheiro, não um adivinha.
- Estes conselhos eu posso te dar. Veja: não coma nada a que você seja alérgico.
- Obrigado.
- Sempre olhe para os dois lados antes de atravessar a rua.
- Isso já não é um conselho tão preciso.
- E por que não?
- Porque algumas ruas têm sentido único.
- Está bem. Então, escove os dentes depois das refeições.
- De todas as refeições?
- Sim, de todas.
- E se eu não estiver em casa?
- Aí volte para casa e escove os dentes.
- E se for um jantar romântico em que eu não puder voltar para casa ou um almoço de negócios?
- Então com exceção destes casos.
- Os seus conselhos não são tão precisos.
- Você também faz essa quantidade de perguntas ao Doutor Guessman?
- Os conselhos do Doutor Guessman não precisam de perguntas.

## Cena 10

Dois amigos estão na sala de estar de um pequeno apartamento que dividem numa pacata cidade. Um deles tem uma faca na mão, a outra mão escondida atrás do corpo e está de pé. O outro está sentado numa poltrona à frente do primeiro.

- Como é que você quer morrer?
- (longa pausa dramática a fim de provocar suspense, talvez até esboce uma expressão ambígua de terror) Para quê pensar nisso? Morrer é inevitável.
- Se é inevitável então para quê não pensar?
- Talvez para poder desfrutar a vida sem essa preocupação.
- Mas nós só podemos nos preocupar com as coisas que podem ou não acontecer. Você disse que morrer é inevitável.
- Sim. Sei que eu vou morrer só não sei como, nem quando.
- Não quer estar preparado?
- Nunca se está preparado.
- Como é que você pode saber? Algumas pessoas até programam...
- (entrando no jogo do outro) Está bem. Como é que você quer morrer?
- Acho que dormindo.
- Isto é tão típico. Todo mundo diz que quer morrer dormindo.
- Você não?
- Não! Eu quero estar bem acordado e quero que demore bastante para eu morrer me lembrando de como gostava da vida.
- Você não tem medo?
- Não. Como eu disse: é inevitável.
- Como será que o senhor Omtag morreu?
- O senhor Omtag morreu?
- Você não lembra? O barão Varnevutz e a senhora Omtag o mataram.
- É verdade! Havia me esquecido.
- Como será que o senhor Omtag morreu?
- O senhor Omtag já era um homem muito idoso, acho que não deve ter sido muito difícil. Pode ser que eles o tenham empurrado da escada.
- Pode ser. Pode ser que eles tenham o envenenado com pequenas doses de cianureto no café.
- Pode ser, mas demora muito. Talvez eles tenham posto pó de vidro na sua comida. Eu ouvi dizer que é uma das piores dores que alguém pode sentir, o vidro vai rasgando os órgãos por dentro e mesmo que ele saia, ele corta os órgãos por onde ele já passou

tudo de volta e a hemorragia aumenta; em poucas horas a pessoa morre sem nem saber o porquê.

- Talvez tenha sido uma morte violenta. Talvez eles tenham arrebentado a sua cabeça com um pé- de- cabra.
- Não... faz muita sujeira. Acho que tiro e esfaqueamento também estão fora de cogitação.
- Estrangulamento é uma morte limpa...
- É. Mas é preciso muito sangue frio para segurar a vítima até o fim. E além do mais, é preciso força e isso nem a senhora Omtag, nem o barão Varnevutz tem.
- Tem razão. Talvez eles o asfixiaram durante o sono. Seria melhor assim.
- O barão pode ter mandado alguém matar o senhor Omtag.
- E deixar testemunhas?
- É arriscado, mas tem lá sua praticidade.
- Não, acho que não. O barão chamaria alguém para matar um mafioso, um informante, um devedor, mas não o senhor Omtag. O senhor Omtag era muito fácil de matar para se chamar alguém.
- E o que será que eles fizeram com o corpo do senhor Omtag?
- Boa pergunta. Será que eles o enterraram no quintal?
- Pouco provável. Um quintal remexido deixa muitas pistas. Talvez eles tenham levado até um bosque e o enterrado lá.
- Ou então eles o queimaram.
- Ou dissolveram com ácido.
- Ou jogado no mar com uma pedra.
- No mar?
- É, no mar.
- Nesta cidade não tem mar.
- Claro que tem. (a mão escondida aparece e nela há uma maçã; corta a maçã com a faca, come a maçã)

- **Fim do 1º ACTO -**

- **2º ACTO -**

**Cena 01**

Dois amigos dividem um apartamento pequeno localizado numa cidade pouco movimentada. Eles estão na sala, um sentado e o outro olhando pela janela.

- Ah! Como o tempo passa depressa!

- Como?

- O tempo não nos dá um instante, não há um só momento em que ele pare, em que nós possamos o observar e é estranho... Às vezes quando eu olho para o céu e há muito vento, as nuvens se movimentam e eu posso ver o tempo passando, parece que o fluxo do tempo está ligado de alguma maneira àquelas nuvens. Mas quando não há vento, parece que as nuvens pararam porque o tempo parou, mas é só eu baixar o olhar e ver a cidade se mexendo. É como se o tempo tivesse parado só no céu. Parece que existem dois tempos, um lá no céu e um aqui embaixo.

- Por que só dois?

- Você acha que há mais que dois?

- Talvez, eu sinto que quando eu sonho, o tempo se dilata ou encolhe. Depende do sonho. Às vezes, eu posso sonhar que se passaram dois minutos e ter dormido a noite inteira ou então sonhar com muitas horas, numa série de acontecimentos diferentes, e perceber que eu só tirei uma soneca.

- Desta forma existiria um número infinito de tempos transcorrendo simultaneamente.

- Não simultaneamente...

- É. Cada um a seu tempo. Será que isso um dia acaba?

- O fim dos tempos?

- É. Será que tem uma ponta em algum lugar?

- Aí deveriam existir duas pontas. Uma no começo e uma no final.

- Para cada um dos tempos?

- Talvez. Talvez um seja mais curto do que o outro.

- Será que existe um tempo mais longo do que o nosso ou um mais rápido, um mais devagar?

- Não perca mais tempo com isso!

- Mas o tempo não é infinito?

- Não sei. Ninguém sabe.

*Adendo*

(pausa)

- Como o tempo passa, não é?

- Se passa!

- Às vezes passa demais! É tanto tempo que a gente nem vê!
- E nunca volta...
- Nunca, não é? Ele só vai, nunca volta!
- Nunca volta, só vai...
- Que coisa, não é?
- O quê?
- O tempo!
- (irritado) Escuta, onde é que você quer chegar com isso?
- Em lugar nenhum! (pausa) Credo...

## Cena 02

Num pequeno apartamento, numa pequena cidade, dois amigos dividem um imóvel. Um deles está de pé e o outro dançando ao som de uma vitrola.

- O que está fazendo?
- Estou apaixonado!
- Por quem?
- Ora, por quem? Pela senhorita Magdalena!
- Quem?
- A senhorita Magdalena, a filha do senhor e da senhora Omtag.
- O senhor e senhora Omtag têm uma filha?
- Sim, a senhorita Magdalena.
- E você gosta dessa moça?
- Não. Mais do que isso: eu estou apaixonado por ela.
- Puxa!
- O que foi?
- Que forte!
- Por quê?
- Por nada. Eu só acho forte dizer que se está apaixonado por alguém.
- Por quê?
- Não sei. Parece tão sério, tão definitivo.
- Não é definitivo.
- Ah, não?
- Não. Sério, pode ser. Mas definitivo, não. Eu estou apaixonado por ela agora, mas não sei o que pode acontecer amanhã. Pode ser que amanhã mude tudo e eu já não esteja apaixonado por ela.
- É um pouco triste esse pensamento...
- Você acha?

- Sim, não sei... Faz tudo parecer tão efêmero.
- Tudo é efêmero.
- Sim, eu sei. O que eu quero dizer é que a consciência disso, a consciência de que tudo é efêmero é um pouco triste.
- Não precisa ser.
- Eu sei, é só um pensamento. (pausa) Você não está preocupado com ela?
- Por que deveria estar preocupado?
- Por tudo o que anda acontecendo ultimamente.
- Tudo o quê?
- A morte do senhor Omtag e tudo o mais.
- O senhor Omtag morreu?
- Você não lembra? O barão Varnevutz e a senhora Omtag o mataram.
- É verdade! Eu havia me esquecido. Pobre senhorita Magdalena, o que será dela agora?
- Não sei. Talvez ela saia de casa.
- Será?
- Talvez.
- Ou talvez a senhora Omtag e o barão Varnevutz a mandem para a Inglaterra. Como em Hamlet.
- Como em Hamlet?
- Sim.
- Espero que as coisas não terminem como em Hamlet...
- Como assim?
- Se as coisas terminarem como em Hamlet, você enlouqueceria como Ofélia e acabaria se afogando no rio.
- Ou no mar.
- Aqui não tem mar.
- Claro que tem.
- De onde é que você tirou essa idéia absurda de mar?
- De onde... Olhe para fora!
- (ele olha, perde o fôlego, surpreso e diz como quem viu um fantasma) O mar...
- (o outro olha para ele satisfeito) Não é lindo?

## Cena 06

Um homem está sentado em uma poltrona na sala de um imóvel que divide com um amigo fumando um cachimbo. De repente, ele

se assusta, levanta e passa a caminhar pelo apartamento com uma certa urgência. Sai da sala e exclama:

- Aí está você!
  - Sim, claro.
  - Pensei que você não estivesse mais aqui.
  - Que bobagem. Onde mais eu estaria?
  - Não sei.
  - O que você quer?
  - Queria... queria falar com você... A gente quase não conversa...
  - Sobre o quê?
  - Você já reparou como as pessoas se parecem com leões quando bocejam?
  - Como é?
  - Quero dizer... os leões bocejam da mesma forma que as pessoas. Você já reparou? As coisas se parecem com outras coisas o tempo todo. E também a maneira de como nos lembramos delas. Ela nunca é precisa. Quando nós vemos um leão, estamos sempre olhando para um leão, mas não para aquele leão. A não ser que você seja um domador ou entenda muito sobre leões - aí sim, você conseguirá distinguir um leão do outro. Caso contrário, os leões sempre serão os mesmos, como as pessoas numa multidão, como a lembrança que nós temos das nuvens ou do mar.
  - Onde é que você quer chegar com isso?
  - Eu não sei... Me veio esse pensamento...
  - Por que?
  - Me veio assim... de repente... De repente eu me dei conta de que talvez eu não me lembre bem de você quando nós não estivermos mais juntos.
  - E quando será isso?
  - Quando um de nós se mudar ou talvez só quando o outro morrer.
  - Isso não vai acontecer.
- (pausa) (o que já estava na sala fica de costas para o outro pensativo, o outro torna a sair da sala)
- E por que não? (vira novamente) ... Onde está você?
  - (volta) O que foi?
  - Não desapareça enquanto eu estou falando com você!
  - Você já está falando coisas sem sentido...
  - (confuso) Estou?
  - Claro. Eu não desapareci. Eu apenas fui para o outro cômodo.
  - Eu não vi...
  - Você está um pouco agitado.

- E você está calmo demais!
  - Eu deveria estar nervoso, por acaso?
  - Sim!
  - Por que?
  - Você não está vendo o que está acontecendo?
  - O que é que está acontecendo?
  - A cada segundo que passa, as nossas memórias estão ficando mais e mais longínquas. Depois de um tempo, nós vamos ter que recorrer a um livro ou a uma foto pra nos lembrarmos das coisas.
  - Funciona assim. (o telefone começa a tocar) (o telefone começa a tocar) Esse telefone hoje...
- (atende) Alô. Olá, como está, doutor? Bem, obrigado. Só um instante. (para o outro) É pra você.
- Pra mim? Quem é?
  - É o doutor Guessman.
  - O doutor Guessman?
  - Sim.
  - Mas como pode ser pra mim? O doutor Guessman nunca me viu na vida!
  - O doutor Guessman é cego. Está lembrado?
  - Eu não vou falar com ele!
  - Ele disse que tem um conselho pra te dar.
  - Que conselho?
  - Ele quer falar com você pessoalmente.
  - Pessoalmente pelo telefone?
  - Atenda logo.
- (passa o telefone para o outro)
- Alô? Doutor Guessman? Sim, claro, eu estou ouvindo. (tempo, o outro sai da sala sem que o primeiro veja) Está bem. Obrigado.
- (desliga) O doutor Guessman quer que eu... Onde você está? Ei! Cadê você?
- (o outro volta) O que foi?
  - O doutor Guessman me aconselhou a parar de tomar café.
  - Então é melhor você parar.
  - Mas eu não tomo café.
  - Então é algo a menos para você se preocupar.
  - Ele não me explicou porque é que eu não devo tomar café.
  - E isso importa?
  - Muito. (pequena pausa) De repente eu tive uma visão. Uma visão de uma plantação de café na Colômbia. Os fazendeiros colhendo os grãos. Aqueles grãos sendo moídos, a água quente, o coador, aquela fumacinha, aquele cheiro... Eu nunca tinha me dado conta

de quanto o café é atraente. Você sabia que o café é a bebida mais popular do planeta? Que todos os dias são servidas mais de 1 bilhão de xícaras no mundo inteiro? Você sabia que a primeira loja de café da história surgiu em Constantinopla durante o século XV? O comércio dos grãos foi decisivo para os descobrimentos da Américas. No século seguinte, quando o café foi levado para a Itália, o café era consumido somente pelos muçulmanos, pois era proibido entre os cristãos. A única pessoa a que se era permitido provar era o papa. (sombrio) Por que só ele?

- Você quer que eu passe um café?
- Muitíssimo!
- Me desculpe, mas você não pode!
- O quê?
- O doutor Guessman lhe disse que você não deveria mais tomar café.
- Mas eu não costumo tomar café.
- Então continue assim.
- Mas como eu posso parar de fazer uma coisa que eu não faço nunca? Eu devo ter uma reserva inofensiva de consumo.
- Você não pode tomar café a partir de hoje.
- Por que não?
- Eu não sei, mas se o doutor Guessman se deu ao trabalho de ligar para lhe dizer isso, é porque deve ter um motivo.
- Você não quer descobrir o motivo? Eu tomo café e você descobre o que acontece.
- Mas a que custo? Melhor não.
- Café.
- De qualquer forma, você teria que esperar até amanhã. As lojas todas estão fechadas agora.
- E o café aqui de casa?
- (tempo) Nós não tomamos café.

## Cena 07

Dois amigos moram em um pequeno apartamento. Neste momento um deles está checando a correspondência e diz para o outro da sala:

- Chegaram cartas!
- (entrando) Cartas?

- Sim, chegaram algumas.
- De que se tratam?
- Ah, todo tipo de coisas! Contas, propagandas, mais contas, mais propagandas, essa é de uma agência de viagens:

Conheça o mundo com a Dédalo Tur.

Evite comitivas exaustivas, itinerários triviais, passeios intermináveis pelos óbvios museus da Europa cansando seus joelhos com obras de arte de cartão-postal. Obras que depois de uma noite de sono, você nem mais se lembrará. A Dédalo Tur convida você a voar mais alto e visitar os tesouros escondidos dos museus menos conhecidos do planeta.

Pacotes para :

O Memorial da Arte Alienígena das Ilhas Fiji.  
O Museu Astor Croft de Ciências Semânticas de Java.  
A Biblioteca Mundial de Línguas Mortas e Inventadas da Moldova.  
O Museu do Corso e da Bucanagem das Antilhas Holandesas.

E este mês em promoção:

A Casa Varnevutz da Memória Desambiguatória.

- Fico imaginando que tipo de pessoa se interessaria por arte alienígena. Tantas coisas ao nosso lado de que não temos conhecimento e só o que as pessoas fazem é procurar mais longe.

(a campainha toca)

- Eu vou atender. (ele sai)  
- Quem será?

(o outro volta)

- Pronto.  
- Quem era?  
- Era o irmão gêmeo do Sr. Omtag pedindo farinha.  
- Irmão gêmeo?  
- Sim.  
- O Sr. Omtag tem um irmão gêmeo.  
- Sim, o outro Sr. Omtag.

- E como é que você sabe que era o irmão gêmeo do Sr. Omtag e não o próprio Sr. Omtag?
- Pois... Ele não estava usando chapéu!

## Cena 08

Dois amigos estão na sala de estar de um pequeno apartamento que dividem em uma cidade pouco agitada. Um deles está sentado lendo e o outro está se alongando. Um deles diz:

- Esse livro...
- O que que tem?
- Onde você achou esse livro?
- Num sebo. Paguei uma pechincha.
- E como se chama?
- Moby Dick de Herman Melville.
- E é bom?
- Sim. Ele é cheio de metáforas, eu acho... Há essa baleia - que provavelmente quer dizer alguma coisa – e ela é branca – que provavelmente quer dizer outra coisa – e tem também esse marinheiro, que eu imagino que é só um marinheiro mesmo...
- Eu não entendo muito bem o conceito de sebos, sabe?
- Sebos?
- É. Você já reparou como as coisas são baratas nos sebos?
- Sim, já reparei.
- Pois é. Eu não entendo porque as coisas novas são mais caras - elas vão durar mais! As coisas antigas vão durar bem menos, apenas mais alguns anos dependendo do que for e do estado em que estiver. E as coisas novas não - vão estar aí por muito tempo... até que fiquem velhas e acabem num sebo onde serão vendidas por um preço mais barato.
- As coisas novas valem mais que as velhas justamente por isso – porque duram mais.
- Mas as coisas velhas são raras, vão acabar em pouco tempo.
- Mas e quem é que quer uma coisa que vai acabar em pouco tempo?
- Eu. Eu imagino... Eu prefiro as coisas que são raras, que duram pouco, e ainda por cima, são mais baratas.
- As coisas são apenas coisas.
- Não é somente de valor que eu estou falando. É o conceito em si. Sempre haverá coisas novas...

- Sempre haverá coisas velhas.
- Sim, é disso que eu estou falando. São as mesmas coisas. Quer dizer, as mesmas coisas que sobreviveram ao tempo. Não é justo que o valor de uma coisa seja medida pelo tempo.
- Você acabou de dizer que as coisas velhas têm mais valor para você!
- Não. Não todas as coisas velhas! As que sobreviveram ao tempo. E se sobreviveram ao tempo, é porque eram novas em alguma coisa. E se assim são, é por isso que deve ser medido o seu valor. Você não pode comprar o tempo das coisas, você compra o valor delas.

(ouve-se um barulho lá fora, é uma siren) (um deles vai até a janela para ver o que é)

- O que está acontecendo? (o outro vai também)
- Estão prendendo alguém.
- Você consegue ver quem é?
- Meu Deus! É o barão Varnevutz e a Sra. Omtag!
- Meu Deus! Quem diria que uma coisa dessas poderia acontecer?
- Como será que descobriram que eles mataram o Sr. Omtag?
- O Sr. Omtag morreu?
- Você não lembra? É por isso que estão prendendo o barão e a Sra. Omtag.
- É verdade. Havia me esquecido.
- Como será que descobriram que eles mataram o Sr. Omtag?
- Eu não sei. Será que houve uma denúncia anônima?
- Mas de quem?
- Se é anônima...
- Acho que eles descobriram o corpo do Sr. Omtag em algum lugar e chegaram nos dois através das pistas.
- Que tipo de pistas?
- Digitais, álibis, compra de veneno... Eles fazem registro de quem compra veneno, sabia?
- Não, não sabia...
- Agora o caso deles acabou. Cada um vai para uma prisão diferente. Eu sinto pelo Sr. Omtag, mas não consigo deixar de me lamentar pelo romance da Sra. Omtag e do Barão Varnevutz.
- Pobre Sra. Omtag...
- Pobre Barão Varnevutz...
- É o que dizem: todo grande amor precisa terminar em tragédia.
- Que pena.

## Cena 09

Em um apartamento pequeno de uma cidade pouco movimentada, dois amigos conversam segurando livros:

- Waar zijn wij?
- Binnen een walvis, veronderstel ik.
- Binnen een walvis?
- Ja, is niet bizar het?
- Zeer.

(a campainha toca)

- Você está esperando alguém?
- Não. Você está?
- Também não... vá atender.
- Por que eu?
- Porque da última vez, fui eu.
- Foi?
- Claro.

(ele se levanta e sai, o outro continua lendo)

- Binnen een walvis, veronderstel ik. (o outro volta) Quem era?
- Era o Sr. Omtag.
- E o que é que ele queria?
- Estava a procura de seu irmão gêmeo. Eu disse que nós o havíamos emprestado farinha, ele fez uma expressão de compreensão: 'Ah!' - ele disse. E foi embora apressado sem nem se despedir.
- Irmãos gêmeos me intrigam.
- De que maneira?
- Eles são iguais, certo? Nasceram no mesmo dia, têm os mesmos pais, moraram na mesma casa e no entanto, são diferentes. Têm suas próprias idiossincrasias, têm vidas diferentes. Nada garante que a mesma pessoa, com aquilo que tem sendo o mesmo, tome apenas uma decisão. Essa ou aquela? Do que depende? Acho que os gêmeos servem para nos lembrar que as coisas não têm muita razão de ser...
- Você acha?

- Não sei. Meu irmão gêmeo tem uma opinião completamente diferente da minha.
  - Você tem um irmão gêmeo?!?
- (tempo)
- Não, claro que não. Mas se eu tivesse, não faria a mínima diferença...

### Cena final

Dois homens vivem num apartamento pequeno numa cidade pouco agitada. São amigos. Um deles está passando café, o outro termina de ajeitar a gravata e lhe fala:

- Fiz algum barulho durante a noite?
- Não que eu tenha escutado.
- Certeza?
- Sim, por quê?
- Tive muitos sonhos.
- E com quê você sonhou?
- Não me lembro muito bem.
- Tente.
- Eu sonhei que eu acordava no meu quarto, me vestia, vinha até a cozinha e encontrava você passando café.
- Como agora?
- Como agora. Isso é tão estranho, de repente eu me lembrei...
- E o que mais?
- Bom... Aí eu te perguntava algo, você me respondia e eu começava a te contar sobre um sonho que havia tido naquela noite.
- E que sonho era este dentro do seu sonho?
- Era um sonho em que acontecia a mesma coisa que estava acontecendo naquele momento e aí você dizia:  
(o outro não fala nada)
- O que? O que é que eu dizia?
- Você dizia junto comigo: “a que conclusão isto te leva”? E eu respondia: “que eu estou sonhando”. E aí você me perguntava: (espera, o outro fica ouvindo) “E por que você acha isso?” E eu respondia: porque nenhum de nós toma café. (eles tomam café)
- Que estranho...

- Eu também achei.
- É estranho porque eu tive o mesmo sonho a noite passada. Você não lembra?
- E por que é que eu iria lembrar do que você sonhou?
- Porque eu te contei.
- Você me contou? Ugh... (ele começa a passar mal)
- O que foi?
- Não sei. Alguma coisa nesse café, não me caiu bem... Ugh... (piora)
- Eu só coloquei um pouquinho de açúcar... Ugh... (ele também)
- Sentiu? Uma dor intensa no estômago?
- Sim. O que será que tem nesse café?
- Eu acho que nós estamos sendo envenenados!
- Devem ter sido assim que o Sr. Omtag morreu! Mas quem iria nos envenenar?
- A Sra. Omtag e o Barão Varnevutz!
- Mas eles foram presos.
- Ah, é. Parece que o meu estômago vai implodir! O doutor Guessaman. Foi ele!
- Doutor Guessamn foi quem lhe disse para não tomar café...
- Pois então, como ele sabia?
- Foi o irmão gêmeo do Sr. Omtag!
- Não seja ridículo! Daqui a pouco você vai sugerir que foi o próprio Sr. Omtag.
- Mas ele está morto.
- E o seu irmão foi preso. Lembra?
- Mas então quem foi? (o outro não responde, ele se assusta e tenta tocar o ouro para saber se ele está vivo; antes de alcançar o outro sofre mais uma dor intensa e morre)  
(eles permanecem caídos por alguns instantes; até perceberem que não morreram. Em vão, eles tentam cair mortos nas poltronas por algum tempo e depois desistem. Levantam-se melancólicos, um deles vai passar café e as coisas voltam ao estado inicial).